Atenas e Jerusalém

José Tavares

2024

2ª versão

Síntese

Dois símbolos da História da Humanidade em que convergem duas mundividências do pensamento, da ação, da vida, da cultura e da civilização.

José Tavares

Jtav@ua.pt

****



**Notas introdutórias 6**

**Atenas e as ideias, a razão 9**

**Jerusalém e os sentimentos, o coração 23**

**Atenas e Jerusalém no mundo de ontem 33**

**Atenas e Jerusalém no mundo de hoje 38**

**Atenas e Jerusalém no mundo de amanhã 46**

**Conclusão 52**

***Linkes que poderão ter algum interesse para o leitor sobre as temáticas anteriormente refletidas que tive a oportunidade de visitar e revisitar* 54**

**Notas introdutórias**

Neste projeto de livro, não irei recontar a história de Atenas e de Jerusalém nem as linhas distintas de reflexão que aí se cruzaram e atravessaram o mundo dos povos, da cultura e das civilizações no decorrer do tempo. Tudo isso foi já feito por uma grande plêiade de autores de reconhecido mérito que se debruçaram sobre o tema. Deter-me-ei, sim, sobre duas linhas de pensamento e de vivência diferentes e complementares, restos que foram ficando no meu espírito das conclusões a que fui chegando, se interligam, de algum modo, e provêm do mais fundo do ser humano. A linha do conhecer e do sentir, da razão e do coração, das ideias e das emoções, que configuram uma matriz mais racional ou cordial ou de crença num Ser Superior, Infinito e Eterno. No homem, há razões que o coração desconhece, mas reconhece, aceita como suas ou acredita, tem fé em Alguém que lhe pode dar sentido. É a clara Grécia de Camões de que Atenas é um dos seus maiores símbolos face à Jerusalém do “essed/emet (amor/confiança) dos patriarcas e dos profetas, duas das grandes referências da mística e das religiões que ligam o ser humano com o divino. A Atenas do Olimpo, das Ideias e da Razão contraposta à Jerusalém do Amor e da Ternura de Um Deus, Clemente e Bom, Tardo à Ira e Cheio de Misericórdia, Jahveh, Pai de Jesus Cristo, no Amor entre os Dois, onde se gera eternamente o mistério insondável de um Deus Uno e Trino, à luz da revelação bíblica do Antigo e Novo Testamentos.

Quando comecei a desenvolver o meu doutoramento em Filosofia, na Universidade Católica de Lovaina, estive tentado a pegar no tema: “Atenas e Jerusalém”, duas cidades símbolo da humanidade, do conhecimento, das ideias. dos afetos, das crenças e da fé. Porém, talvez ainda não estivesse maduro para enfrentar um desafio com tamanha complexidade e o tempo de que dispunha para fazer o doutoramento era demasiado curto, exigente e condicionado pela bolsa que me tinha sido concedida pela Direção Geral do Património Cultural do Estado Português, pois exigiria passar algum tempo nesses países. E, por outro lado, uma tarefa desta envergadura não seria fácil de sustentar filosoficamente em provas de doutoramento. Pelo que desisti, com muita pena minha, à época, e enveredei por um outro tema menos complexo, mas não menos polémico “Le langage de l’ Autre” chez Jacques Lacan et Emmanuel Levinas. Não deixava, no entanto, de ser também um tema original, inovador e onde, lá no fundo da filosofia destes dois autores, estava subjacente uma dialética de pensamento que, de certa forma, passava por Atenas e Jerusalém, pelo facto de Emmanuel Levinas ser judeu, disponível para pensar a realidade na abertura da Exterioridade, da Transcendência, do Totalmente Outro e Jacques Lacan, mais fechado na visão de uma realidade imanente embora impossível de dizer, mas que, de alguma forma, se diz na linguagem da ausência ainda quente de algo que se lhe escapa no próprio momento de a tentar atingir, o pequeno “a” do desejo *de l’ autre de l’Autre*.

De qualquer forma, no estudo da aproximação filosófica ao pensamento destes dois autores, a intuição de base que, informou a principal conclusão a que cheguei acabou por refletir essa realidade. Ou seja, o Outro, em Levinas, exprime-se na linguagem e no sentido da Exterioridade Exterior, no Totalmente Outro, na Transcendência. O Outro em Lacam é algo imanente e fechado dentro da totalidade dos seres existentes e possíveis como modalidades de ser. O mundo de Levinas pressupõe uma rotura com a realidade imanente, é metafórico, sai para fora do sistema, para Alguém Infinito e Exterior, o Ser, Jahvé, Deus. No mundo de Lacan, há uma certa continuidade “tórica”, ou de “nó/enlace borromeano”, é mais metonímico, passa para ou outro lado da consciência, o inconsciente, mas sem rotura exterior, fica dentro do sistema. Por isso, o sentido da linguagem do Outro em Levinas e Lacan não é uma pura tautologia. Há uma diferença e até uma rotura profunda entre as duas visões da realidade que reflete, de algum modo, a dialética de pensamento entre Atenas e Jerusalém, embora exista também uma certa complementaridade. Foi esta, aliás, a grande conclusão a que pude chegar que o júri de provas parece não ter compreendido e acabou por me prejudicar na avaliação final. Mas é uma tese que hoje continuo a defender por julgar que é aí que se encontra a distinção de fundo entre o *lógos* grego e a fé judaico-cristã.

Circunscrever-me-ei também à inspiração do pensamento e das ideias que estas duas cidades me suscitam sem me dispersar por outras dimensões e posicionamentos do ser humano que andam em torno de outras visões e dinâmicas mais materialistas, utilitaristas, pragmáticas e militaristas que evocariam cidades como, por exemplo, Esparta e Roma, Babilónia, em que as dinâmicas de uma certa filosofia de vida, talvez, encontre mais eco nas sociedades dos nossos dias de cariz mais oriental ou ocidental em termos de vivência e de pensamento.

Neste ensaio de ideias, porém, procurarei ficar fora da caixa sem me preocupar muito com o cientificamente correto. Tentarei, no entanto, ser rigoroso e consistente com base em argumentos plausíveis para os diferentes pontos de vista que se me oferecer apresentar ainda que de uma forma muito sucinta e livre. Aos meus olhos, a liberdade do filosofar como amizade e procura da sabedoria não só pressupõe esta atitude como a solicita e exige. É por esse caminho que seguirei em mais este projeto de livro cuja natureza será a de um trabalho inacabado e suscetível de ser revisto, desenvolvido, aprofundado e completado constantemente, pois é essa também a sina de qualquer projeto humano no espaço e no tempo.

**Atenas: lugar das ideias e a razão**



Gostei de [Atenas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Atenas) das duas vezes que por lá passei, embora numa dessas estadas tenha ficado um pouco mais tempo na cidade. A outra foi uma simples passagem e desenvolveu-se sobretudo em Creta com uma viagem a Santorini que nos mostra outra realidade da história grega e nos ajuda a compreender o que poderá ter acontecido à civilização minoica entre 1750 e 1450 (a. C.) que se encontrava no seu auge e que tinha como centro o palácio de Cnossos, em Iráclio. Lembro-me de ter sentido muito fundo toda essa realidade, deitado numa pedra de granito em frente das ruínas do palácio a descansar de uma hérnia inguinal que na altura me limitava os movimentos, absorto no silêncio denso daquele local cheio de memórias e apenas perturbado por algumas vozes de visitantes que se ouviam à distância. Recordo-me bem, ainda hoje, daquele sítio como se lá tivesse estado há muito pouco tempo.

Mas a Grécia e Atenas estiveram presentes no meu espírito desde a minha juventude. Era um sonho que só, bastante mais tarde, já como professor universitário, tive oportunidade de realizar na ida a congressos e as poder admirar in loco. Nesses dias, em que estive em Atenas acordava diante da Acrópole e ao fim da tarde podia tomar uma bebida no terraço-bar do hotel com pequenas oliveiras a um quilómetro e meio aproximadamente do Parténon que nos olhava do ponto mais alto da colina. Uma vista e uma paisagem impressionantes com as cores ocre-doiradas do fim de tarde. Lembrei-me das lutas ferozes e sangrentas entre Atenas e Esparta, dos ideais das duas Cidades-Estado e, sobretudo, dos filósofos de Atenas e dos guerreiros de Esparta que a minha memória de há muito tinha ido guardando. Do lado oposto, a uns 200 metros encontravam-se ainda vestígios do antigo jardim de Acádmos onde Platão fundou a velha Academia e onde hoje se ergue a Academia das Ciências em Atenas remetendo-nos, de alguma maneira, para esse passado distante.

Pensei na intuição de base do pensamento grego na busca da origem, da razão primeira das coisas, em Protágoras, Tales de Mileto, Parménides, Heraclito, Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles e de escritores, poetas e historiadores como Homero, Hesíodo, Ésquilo, Eurípedes, Sófocles, Xenofonte, etc., na explicação do mundo e das coisas que cada um deles defendia e lembrei-me também da “clara Grécia” de Camões que conhecera bem as grandes aventuras gregas cantadas por Homero. Clara Grécia, assim a via, Grécia da razão, das ideias lúcidas, apolíneas do céu de Zeus que se configuram sobretudo em Atenas onde se concentravam os mais ilustres sofistas, filósofos, sábios, cientistas, dramaturgos, poetas e historiadores do tempo em que a Filosofia como amizade da sabedoria era o lugar de encontro da grande maioria dos intelectuais e pensadores do tempo e a Ágora, na Acrópole, o espaço de encontro, de diálogo e de debate.

Mas Atenas, no meu espírito, é muito mais do que isso e configura um lugar por onde corre um dos grandes braços do rio do pensamento, das ideias, da razão, do saber, da filosofia, da cultura, da civilização da humanidade. O outro será o grande braço do rio do sentimento, da vontade, do coração, do fundo mais tumultuoso, subconsciente ou inconsciente, porventura, exprimindo também a dimensão da religiosidade, da ligação do humano ao divino, do misticismo, da crença, e passa, sobretudo, por Jerusalém que consideraremos mais adiante. Neste sentido, Atenas personifica uma das grandes dimensões do ser humano: a mente, a inteligência, a razão, o *lógos*, o querer explicar e compreender as coisas, a realidade a partir das suas causas mais fundas e primeiras, de uma maneira racional, clara, límpida como o céu grego.

Trata-se também de um anseio da Humanidade que vem do fundo do tempo, a atravessa e emerge em todos os tempos e se afunda no futuro. É a fome, a curiosidade inscrita na raiz do pensamento do ser humano na ânsia de conhecer, de explicar e compreender tudo o que existe e possa vir a existir e alimenta a razão, as ideias que, de alguma forma, moldam os comportamentos das pessoas, dos povos e das sociedades.

Quando percorremos as grandes linhas da história do pensamento, que se cruzaram e entreteceram na vida e nas ideias dos diferentes povos e suas geografias no decorrer dos tempos, encontramos uma referência a Atenas como um dos seus ícones mais significativos. Não apenas aos seus filósofos mais conhecidos dos séculos V e IV (a.C.), mas também a todos aqueles que os antecederam e se lhe seguiram. Não é possível pensar, por exemplo, em Sócrates, Platão, Aristóteles, sem Tales de Mileto, Parménides, Anaxágoras, Heraclito, Pitágoras nem em Santo Agostinho sem pensar em Platão e Plotino nem em Santo Anselmo, Duns Escoto, Santo Alberto Magno, Santo Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Hegel, Einstein, esquecendo Santo Agostinho, Santo Isidoro de Sevilha, etc., que herdaram e continuaram o pensamento anterior, sem passar, de algum modo, por Atenas e os seus filósofos e cientistas. É neste sentido que Atenas detêm um enorme relevo na história das ideias, da cultura e das civilizações.

Quando nos debruçamos, mais em profundidade, sobre a obra de dois grandes atenienses, Platão e Aristóteles, ficamos com uma ideia de tudo o que acontecia à sua volta através de dois olhares distintos, um apontando o céu e outro a terra, e mais, com a convicção que relativamente a realidade que ambos queriam explicar e compreender a partir das suas causas não apenas materiais, formais, eficientes e finais, mas, sobretudo, indagando a suas causas mais profundas e últimas, tudo ficou esgotado, tudo parece ter sido dito e pensado de uma maneira clara e organizada.

Ficamos a saber que, para uns, o princípio era a água, Tales de Mileto, para outros o indeterminado, o *ápeiron*, Anaximandro de Mileto, o *ar,* para Anaxímenes de Mileto, a medida, o *número*, para Pitágoras, a *Ideia das Ideias*, a Suprema Ideia de Bem para Platão, o *Primeiro Motor*, para Aristóteles. No fundo, procurava-se a razão, a explicação racional próxima ou última da realidade existente e possível. Efetivamente, com Platão e Aristóteles, parece que, no domínio das ideias, do pensamento, tudo ficou descoberto e dito. Os seus escritos ainda hoje se leem e meditam com muito agrado dada a sua clareza e atualidade. Às vezes, diz-se com graça: está tudo dito pelos gregos. E, de certa forma, ao nível das ideias, do pensamento, hoje, é difícil ser original.

Por isso, ouve-se e diz-se que muito do que pensamos e escrevemos já foi descoberto e apresentado pelos gregos e por outros muitos povos e civilizações que os precederam ou seus contemporâneos. A vantagem que temos é que agora muito do que pensamos, escrevemos e dizemos fazemo-lo com base naquilo que todos esses povos nos deixaram como herança e embora lhe demos novas formas de expressão e aplicação na explicação, compreensão e transformação da realidade. Quem não se lembra da metodologia de Sócrates nos Diálogos de Platão, com base nas estratégias da ironia e da maiêutica, e das obras de Aristóteles no modo de abordar os diferentes assuntos que tratavam com seus os interlocutores a quem se dirigiam, começando por explicar os termos, os conceitos, os juízos em que assentavam os seus raciocínios. A lógica formal moderna ou logística, por exemplo, que abre caminho à grande aventura da ciência da computação dos nossos dias e da inteligência artificial tem na base a análise proposicional e um conjunto de conectores e disjuntores que, de alguma forma, já se encontram na lógica aristotélica. Neste aspeto, parece que não avançamos muito, embora as roupagens, os estilos e as fórmulas matemáticas sejam distintos.

Sócrates, de quem sabemos muito pouco, mas que é um dos principais interlocutores nos Diálogos de Platão, emerge como um verdadeiro filósofo ou amigo da sabedoria como interlocutor principal nesses diálogos. O seu método da ironia e da maiêutica visava conduzir os seus interlocutores sobre as mais diversas temáticas a reconhecer a sua ignorância completa (ironia) e a dar à luz o verdadeiro conhecimento que levava à explicação e compreensão da realidade. Neste processo, Sócrates revela uma finura e uma delicadeza extraordinária porque ele não pretendia humilhar e deixar os seus adversários em contradição consigo próprios, a não ser no caso dos sofistas, mas o seu grande objetivo era ajudá-los a dar à luz o conhecimento, a verdadeira amizade pelo saber, pela sabedoria. Sabemos que ao longo do tempo, grandes mestres, do pensamento e da ação recorreram a este mesmo processo nas suas apresentações e argumentações.

Aristóteles é outro exemplo de pensador e investigador da realidade que abordou do ponto de vista científico e filosófico os mais variados assuntos nos domínios dos conhecimentos filosóficos, éticos, científicos, educativos e artísticos. Quando lemos as suas obras sobre questões metafísicas, éticas, físicas, químicas, biológicas, psicológicas e sociais, verificamos que uma das suas preocupações é dizer aos leitores o que é que entende com os diferentes termos e conceitos que utiliza na sua argumentação e só depois desenvolve as suas teses e a sua demonstração com base numa lógica indutiva e dedutiva que está na base do raciocínio humano e que atravessou a história do pensamento. Ainda hoje, essa lógica, continua atual simplesmente a sua forma de expressão, a sua roupagem linguística foram acompanhando a evolução do pensamento filosófico, matemático e digital dos números e dos meta-números a que a informática veio abrir novas e extraordinárias possibilidades na abordagem e comunicação da realidade em termos virtuais que hoje informa e agiliza todas as formas de expressão e comunicação. O mundo digital em que nos encontramos graças às tecnologias mais avançadas de que dispomos embora sucedâneas de um mundo analógico que o precedeu em que Atenas está naturalmente presente através dos seus filósofos e cientistas seguir-se-á um novo mundo digital/analógico em que o conceito imagético tornará possível uma nova aproximação à realidade a um outro nível de desenvolvimento. Será um voltar a uma nova Grécia e a uma nova Atenas das ideias e do pensamento claro e límpido do homem do futuro mais sábio e clarividente, porventura, muito promissor.

Mas Atenas não é apenas aquilo que nos foi legado nos escritos e nas falas dos seus filósofos, cientistas, poetas e artistas. É sobretudo um símbolo de uma dimensão do pensamento que esteve e está presente em todos os povos e em todos os tempos e continuará, com certeza, a estar presente no futuro. Trata-se de um dos dois pilares da consciência humana que exprime o desejo de conhecer, explicar e compreender tudo o que há em si e fora de si, mais ou menos misterioso, de um modo racional mais idealista ou realista. E por isso, encontramos Atenas ao longo da história do pensamento na Europa, na África, na Ásia, na América e na Oceânea.

Ainda na Grécia Antiga pelo ano 300 a. C. encontramos a Escola dos Estoicos, fundada por Zenão de Cicio, em Atenas, cujos princípios de vida e atuação são bem conhecidos[[1]](#footnote-1) .

Já no século terceiro da era cristã (205-270) encontramos Plotino considerado um dos maiores filósofos neoplatónicos entre Aristóteles e Santo Agostinho. Professa as ideias platónicas, mas traduzidas num novo contexto cultural e político possibilitado pelo Império de Alexandre, o Grande.

Entre 354 e 636, levantam-se dois grandes vultos da Patrística, Agostinho de Hipona e Isidoro de Sevilha, o filósofo bíblico hermeneuta e o teólogo e enciclopedista que marcaram o seu tempo e tiveram uma forte influência no futuro. Dois grandes luminares que alumiam o seu tempo, os seus contemporâneos e seguidores não só com a luz de Atenas, mas também com a fé de Jerusalém, como explicitarei mais adiante. Afinal a “idade das trevas” tinha bastante luz só que era uma luz diferente das luzes que irão predominar em épocas posteriores em que a razão, porventura, tenderá a calar a voz do coração, da fé e das crenças esquecendo, que na verdade, o coração tem razões que a razão desconhece, mas que nem por isso poderá deixar de reconhecer e, porventura, abrir-se à fé, à crença, acreditar.

Atenas reflete-se também em Avicena e Averróis, de certo modo, precursores da Escolástica em que emergem Santo Alberto Magno, São Tomás de Aquino, Duns Escoto, São Boaventura, Santo António de Lisboa e muitos outros. Na renascença e idade moderna poderíamos lembrar, apenas a título de exemplo, Martinho Lutero, Francisco Sanches, René Descartes que, de certa forma, divinizam a razão, as ideias claras e distintas, abrindo caminho as diferentes formas de racionalismo e idealismo em que destacaríamos a filosofia de Kant e Hegel, embora um certo voluntarismo mais subterrâneo continue presente e que se exprimirá em força com Schopenhauer e em diferentes formas de romantismo e existencialismo em que vem ao de cima o fundo mais o subconsciente e inconsciente do humano e uma maior abertura à subjetividade. Nestes saltos de gigante, no espaço e no tempo, encontramos uma mesma linha de continuidade, que Atenas simboliza, em que a razão, as ideias, o digital, estão subjacentes a todas as tentativas de dizer, explicar e compreender a realidade pelas suas causas próximas ou últimas e assumem primacial importância.

Evitei perder-me em lugares, datas, biografias dos protagonistas e análises filosóficas ou teológicas porque não pretendo fazer uma arqueologia ou história do pensamento, mas tão só tentar indicar por onde, aos meus olhos, passou no decorrer do tempo a explicação e compreensão da realidade das coisas, do homem e do divino que no fundo constitui o objeto de todo o conhecimento científico, filosófico e teológico. E é fácil constatar que, de uma forma ou de outra, Atenas está sempre presente nesse esforço como uma referência maior, um símbolo, grande farol da Humanidade em que a razão predomina sobre o coração, os afetos, os desejos, as crenças, a fé num Deus Criador, Eterno e Infinito que se foi revelando ao logo do tempo e se revela através das mais diversas formas.

Atenas representa e continuará a representar, de alguma forma, o mundo das ideias, da razão, do número, da medida, da lógica da representação, dos racionalismos, dos idealismos, da era do digital dos nossos dias, da programação, dos meta-números, dos algoritmos que animam a inteligência artificial e a robótica e até certos tipos de voluntarismo que tornaram possíveis as mais avançadas formas de comunicação e as tecnologias de maior alcance e transformação, em todas as áreas da ação humana, conducentes ao desenvolvimento das sociedades e, porventura, da sua própria destruição como a ameaça que está infelizmente patente, nos nossos dias, sobretudo, com a guerra da invasão da Ucrânia pela Rússia a maior potência nuclear. As realizações mais elevadas e nobres podem tornar-se nas mais baixas e vis se as ideias e o fundo mais equilibrado e o bom senso humanos não prevalecerem. Por exemplo, conquistas da inteligência humana levadas a cabo por Einstein e muitos outros cientistas, podem tornar-se num grande pesadelo para o mundo como aconteceu no passado e poderá vir a acontecer nossos dias. Hoje, o terror atómico é um facto, e a espada de Democles está muito ameaçadora sobre o progresso espantoso a que estamos a assistir e a usufruir, bem como sobre a própria Humanidade.

Por isso a representação lógica que, de certa forma, Atenas simboliza, acaba também por violentar, ocultar a própria realidade que pretende explicar e compreender de uma maneira clara e distinta. No fundo, o mundo das ideias, do pensamento, da linguagem, do discurso é um manto colocado sobre a própria realidade para a tentar revelar, ocultando-a. Sabemos que as palavras que exprimem conceitos, ideias acabam por cobrir ou ocultar a realidade das coisas, dos acontecimentos, das relações e das ações em vez de as revelar. Tive a oportunidade de estudar e investigar com alguma profundidade, na minha tese de licenciatura (memoire), na Universidade Católica de Lovaina, em 1974, com o título *La Violence de la Réprésentation chez Emmanuel Levinas,* com um outro olhar sobre aquilo que designamos como mundo real e a conclusão a que cheguei apoiada em filósofos de reconhecido mérito nessas temáticas, foi de que a razão, a representação gnosiológica da realidade efetivamente em lugar de descobrir, de revelar a realidade, a ocultava. Ou seja, o discurso constituído de termos, conceitos, proposições, juízos e raciocínios que o texto linguístico corporiza, afinal é uma cobertura que se coloca sobre a realidade, uma espécie “testo” com que se fecha o que se encontra dentro de um tacho ou tampa de um recipiente qualquer. Uma vez colocado o testo ou a tampa deixa de se ver tudo o que está dentro, muito menos que as sombras do mundo projetado no fundo da caverna de Platão onde se podia descortinar alguma coisa.

Na representação da realidade ao nível da imagem, das ideias e dos conceitos quando dizemos, por exemplo, “bola” podemos representá-la através da sua imagem concreta “esta bola” ou da sua ideia, do seu conceito “bola” que representa todas as bolas existentes e possíveis pequenas e grandes, coloridas ou não coloridas deste ou daquele material, mas nada mais para além desse universo bem definido e fechado, o mesmo de que Hegel lançou mão para arquitetar o seu modelo idealista para explicar o mundo, o homem e o Próprio Deus. Todos os seus componentes são explicados e compreendidos uns em relação aos outros dentro de um universo fechado. Mas a bola pode ser muito mais do que isso: um objeto, coisa, um utensílio, um existente, uma possibilidade de vir a ser, etc. Ou seja, a bola é muito mais que a imagem ou a ideia que a representam de uma maneira concreta ou abstrata. Por isso, quando damos nomes a objetos ou coisas, ou as concebemos, definimos ou afirmamos e raciocinamos sobre elas, de alguma maneira estamos a violentar a realidade que lhe está subjacente que, no fundo, não é assim, nem é penas isso. Mas algo que escapa ao próprio pensamento deixando apenas a presença da sua ausência como experienciação fundamental do humano na sua desnudez, como diria Levinas.

Na linha de pensamento de Atenas, que se foi metamorfoseando no decorrer dos tempos e nas diferentes correntes de matriz racionalista ou idealista e até mesmo no realismo e no cientismo, a representação lógica reveste formas de violência da realidade no sentido de a ocultar em lugar de a revelar. A palavra, o conceito, a ideia, ao representar recorta, limita, encobre. Mas o pior não é essa limitação conceptual, mas uma certa arrogância intelectual que se vai instalando que leva a negar o fundo, o mistério da própria realidade que nos liga ao SER e à Exterioridade/Interioridade de Alguém que interpela o ser humano em tudo aquilo que existe e possa vir a existir. São as diferentes expressões de agnosticismo, materialismo e ateísmo com que, sobretudo, o homem moderno e contemporâneo encontrou para satisfazer a sua fome de autossuficiência idealista e racionalista. A inteligência e a razão humanas não se afirmam fechando-se mas abrindo-se ao Ser, ao mistério que se esconde por trás e no fundo de tudo o que existe e possa vir a existir em que o tempo não é apenas Krónos, mas Kairós em que o antes, o durante e o amanhã se unem no sempre do SER que não pode não ser nem ser mais nem menos pois é eterno e infinitamente autosuficiente e igual a si próprio.

A dimensão digital do conhecimento tem de abrir-se na dinâmica dialógica e interativa analógico-digital e digital-analógica. É por aí que a realidade se abre em mistério e a verdade é alêtheia no sentido de que ao revelar esconde, oculta. Esta abertura poderá encontrar-se não tanto do lado de Atenas, mas, sobretudo, de Jerusalém, a outra cidade que, de certa forma, é uma janela que nos permite e nos desafia para uma outra visão do mundo, da realidade em que o passado, presente e o futuro se unem no sempre de um Deus Eterno, Onipotente, Omnisciente, Bom, Justo e Misericordioso que cuida com Amor Infinito de tudo e de todos. Mas esta é a outra visão que, de certa forma, nos remete para outra cidade, Jerusalém.

**Jerusalém: o sentimento e o coração**

Uma imagem com edifício, ar livre, céu, telhado

Descrição gerada automaticamente

[Jerusalém](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jerusalém) é outro lugar de outra vertente da consciência, por onde passa, sobretudo, o sentimento, o coração e uma certa mística de crença, de religiosidade. O coração tem efetivamente razões que a razão desconhece, mas reconhece que atravessaram e atravessam os tempos e a cultura dos povos. É o outro lado do humano, menos luminoso, consciente e mais difuso, analógico que nos liga diretamente ao corpo que também somos, à física, à biologia, à psicologia, à cultura, ao mundo onde habitamos e que nos habita e nos põe em contato com tudo o que é espácio-temporal. Mas o homem que não é apenas o Dasein de Heidegger, nem o même de Merleaux-Ponti, nem o l’homme de l’autre homme de Levinas, mas alguém do Povo Eleito, do homem novo da nova Jerusalém, dos filhos de Deus, em Jesus de Nazaré, o Cristo Redentor e Senhor de tudo o que existe e possa vir a existir nas suas mais variadas modalidades de ser e de estar.

Embora nunca tenha estado em Jerusalém, é uma cidade que sempre teve sobre mim um grande fascínio, confesso. Em determinado tempo da minha vida, estudei afincadamente Teologia e Bíblia do Antigo e Novo Testamentos. Talvez, para dar resposta a perguntas que na filosofia não encontrava. Pensei que através de uma leitura aprofundada e crítica dos textos bíblicos, poderia chegar um pouco mais longe e mais fundo na minha ânsia de conhecer a realidade física, biológica, psicológica e cultural, indagando mais sobre algo ou Alguém que a antecede, a infinitiza e eterniza, o divino. Por isso, fui-me orientando no sentido de, no final do curso de Teologia que terminei em 1967, rumar a Jerusalém e inscrever-me naquela que era considerada, a época, a melhor escola em Sagrada Escritura, o Instituto de Estudos Bíblicos, em Jerusalém. Aprofundei o estudo do grego, estudei hebraico, alemão, línguas que poderiam facilitar esse estudo e investigação no acesso às fontes e publicações especializadas sobre essa temática. Os meus anseios, infelizmente, acabaram por não poder ser realizados e tive de repensar a minha vida de maneira diferente.

Jerusalém, porém, ficou sempre no meu espírito como uma referência e uma atração. Bastante mais tarde, em 1974, quando procurava um tema de investigação para a tese de doutoramento em Filosofia, na Universidade Católica de Lovaina, pensei que Atenas e Jerusalém poderiam ser essa escolha, duas cidades onde, de algum modo, confluíam duas grandes linhas do pensamento: a razão e o coração que recortam dois olhares sobre a cultura e as civilizações, um de cariz mais ocidental e o outro mais oriental. Esses olhares estão efetivamente presentes em simultâneo nessas duas abordagens da realidade ainda que com incidência e intensidade distintas. Acabei, todavia, por não seguir essa ideia por uma questão realista e pragmática, pois, o tempo de que dispunha e a natureza da tarefa não me permitiam enfrentar um desafio dessa magnitude numa dissertação para doutoramento. Não podia entrar numa tal aventura tão complexa e delicada para além de não ser fácil a sua defesa em provas de doutoramento.

A ideia, porém, não ficou esquecida. Estou a tentar, agora, retomá-la, de uma maneira mais livre e sem compromisso, nesta reflexão que, por isso, não darei por acabada, mas irei retomando e aprofundando ao longo do tempo. Assim, penso focar-me, sobretudo, numa reflexão pessoal e sem constrangimentos sobre essas duas cidades, Atenas e Jerusalém, tendo em conta as duas vertentes do pensamento e da ação que elas, de certa forma, suscitam na busca do sentido das coisas, do ser humano e do divino que constituíram e constituem o objeto do questionamento do homem de todos os tempos. Não será uma tarefa fácil, mas é, sem dúvida, um desafio muito estimulante que não consegui deixar de acolher e aceitar, neste momento, em que o meu dia já vai alto, como uma janela privilegiada para perceber e ainda tentar experienciar um pouco o que se passou, o que se passa e passará no mundo dos homens e das civilizações de todos os tempos e lugares deste planeta que habitamos, especial, sem dúvida, apesar da sua pequenez no imenso e misterioso universo. Continuo a pensar que essas foram, são e serão as duas dimensões fundacionais da curiosidade e experienciação do ser humano no tempo na sua grande aventura de ser mais humano e mais feliz.

Embora diferente de Atenas, Jerusalém foi e é também uma cidade muito especial com mais de 4 milénios de existência, destruída, pelo menos, duas vezes e reconstruída de novo, mas sempre ligada a uma mensagem mais interior e misteriosa que poderíamos condensar na relação entre amor humano e divino, em que os sentimentos, o misticismo e a religião se revestem de grande importância para a explicação e compreensão da realidade existente e possível. Não é, porém, a história ou a arqueologia de Jerusalém que aqui me interessa e move, mas a mensagem que a atravessa e a liga com muitos outros povos, regiões, culturas e civilizações do mundo e, designadamente, a oriente e a ocidente mais próximos ou distantes.

Em 1973 e 74 ao fazer investigação, na Universidade Católica de Lovaina, para elaborar o meu “Memoire” sobre *Violence de la réprésentation chez Emmanuel Levinas*, pensei bastante em Jerusalém para onde converge esta grande vertente filosófica e linguística da história das ideias. Em boa medida, o pensamento de Levinas, desenvolvido na sua obra filosófica, inscreve-se nesta dimensão. Em *L’Humanisme de l’Autre Homme* , *Totalité et Infini*, e *Autremente qu’Être*, está bem vincada a linha do seu discurso filosófico embora na parte final da sua vida se tenha concentrado, de um modo especial, na questão ética que aliás esteve desde o princípio na raiz do seu filosofar. Ver o acontecer das coisas antes do seu começo, antes do princípio, no lugar e no tempo, antes da sua própria existência espácio-temporal, em que a representação lógica se esgota para dar lugar à não violência da representação e dar lugar à verdade como alêtheia que no mesmo ato de revelar a realidade a esconde e a furta ao dizer do dito e se torna ao mesmo tempo a morada do Ser, que é também a verdadeira morada do homem de todos os tempos e lugares, como diria, porventura, Fernando Pessoa. É esta visão do conhecimento e da experienciação do ser humano que passa por Jerusalém como religião, fé e crença que nos permite abrir janelas de esperança para o divino e alimentar a ligação entre o profano e o sagrado, o homem e Deus.

É por esta via que brilha, em todo o seu esplendor, Jerusalém, lugar de religiões, de misticismos e revelações em que o homem procura a sua ligação com o divino e procura dizê-la em diferentes narrativas, todas elas convergentes num Deus Infinito, Eterno, Exterior e Interior, ao mesmo tempo, Misterioso e Insondável. Por isso, a verdadeira atitude do homem não é a de O compreender, abarcar, representar em imagens, conceitos, ideias, mas de O sentir, amar e adorar. Esta é a única forma de agradecer a dádiva da própria existência que serve de suporte à realidade física, biológica, psicológica e social e ética. É por essa senda que julgo passar o humanismo do outro homem, à luz da reflexão de Emmanuel Levinas, decorrente das suas leituras do Talmude. Jerusalém evoca tudo isso e é também, em grande medida, por essas razões que ela é disputada pelas três grandes religiões monoteístas, o judaísmo, o cristianismo e o islão, como a sua cidade de referência, não obstante terem ido emergindo outros lugares no planeta em diferentes tempos e latitudes.

Mas Jerusalém evoca também um modo diferente de pensar e de representar a realidade que iremos encontrar, sobretudo, no oriente em que a razão cede a primazia ao sentimento, ao coração. A máxima “sente antes agir” parece ser a atitude que está subjacente a essa mundividência em contraponto com a máxima “pensa antes de agir” presente no pensamento mais ocidental que Atenas simboliza. Ou seja, não ficar apenas na contemplação das ideias claras e distintas, cartesianas e da clara Grécia camoniana, da razão pura de Kant ou idealista de Hegel e até do realismo/racionalismo aristotélico de Tomás de Aquino, mas procurar colocar-se no lugar do outro, sentir a sua vida e os seus problemas concretos. São essas as duas grandes dimensões do pensamento que passam por Atenas e Jerusalém e atravessaram e atravessam o mundo das civilizações e da cultura que o ser humano foi deixando na sua já longa caminhada no planeta terra.

Sabemos que a forma como cada uma destas dimensões foi emergindo na História da Humanidade é diferente a oriente e a ocidente. A oriente prevalece uma razão mais cordial, emocional, analógica. A ocidente uma inteligência mais racional, mais lógica, algorítmica. É fácil de ver como se configura cada uma destas modalidades de ler e interpretar o mundo, a realidade existente e possível na história do pensamento. Concentrando-nos, porém, na dimensão mais emocional que, de alguma maneira, Jerusalém polariza, constatamos que ela está também presente nas civilizações de matriz ocidental e oriental pela simples razão de que essas duas componentes integram a essência do ser humano, configuram e marcam todas as suas atividades e realizações. Pois não é possível pensar o homem quando apreende, perceciona, representa, concebe e julga a realidade existente e possível sem ter presente que, ao mesmo tempo, também, sente e se emociona e quando sente e se emociona também pensa, julga e decide. É o que poderemos verificar em todos os seus estados cognitivos, artísticos e comportamentais na história das ideias, no progresso científico e na cultura, em geral. Por isso, a clara Grécia onde Atenas emerge com uma luminosidade especial está, de certa forma, sempre presente. Mas uma visão mais difusa, afetiva, cordial que Jerusalém simboliza não deixa de estar também subjacente. É esta presença de dois mundos, que passam um pelo outro com intensidades distintas, que configura duas dimensões, dois modos de ser, de estar, de conhecer e agir sobre a realidade a oriente e a ocidente que aqui gostaríamos de sublinhar não apenas em relação a um passado mais ou menos distante, mas também em relação a futuro.

Apesar da globalização da cultura e das maneiras de ser, estar, e das formas de conhecer e agir sobre a realidade, nas sociedades emergentes, quando olhamos mais atentamente para tudo o que vai acontecendo, hoje, no mundo dos homens, tudo fica mais claro e transparente para quem não se deixar fechar apenas ao nível das ideias ou de uma digitalização algorítmica que tende a cobrir, a tapar totalmente a própria realidade ocultando o seu próprio mistério. Esse é o grande perigo do cientismo tecnológico dos nossos dias que julga manipular a realidade cobrindo-a ou ocultando-a com o manto da sua autossuficiência racional, para não dizer, de uma certa arrogância e despudor. Sabemos que a realidade escapa por “entre os dedos” dos seus conceitos e da sua medida, da violência da representação lógica e algorítmica que apesar do seu enorme progresso apenas nos deixa ver sombras ou ilusão da mesma no fundo das cavernas do espaço e do tempo. Todos sabemos e sentimos que a realidade é diferente e é isso o que alimenta a nossa curiosidade e o nosso questionamento. Hoje, mais do que nunca, o nosso equilíbrio humano não prescinde de satisfazer este seu desejo que a ciência e tecnologia não lhe podem assegurar, porque o homem vive e alimenta-se essencialmente do simbólico.

Apesar do progresso científico e tecnológico e, mesmo, filosófico e teológico dos nossos dias, satisfazer esse desejo do ser humano pressupõe a abertura de outras janelas que o homem, destes tempos, devido a uma certa superficialidade ou incredulidade, teima em fechar em nome da liberdade e da autonomia como marcadores absolutos ou quase absolutos do humano, não aceitando nada para além de si próprio e numa confiança vã de que com o tempo tudo pode vir a conhecer e a dominar com a sua ciência e tecnologia. Ainda não sabemos nem dominamos tudo, concede, mas com a aceleração do progresso científico e tecnológico bem depressa lá chegaremos. É só uma questão de tempo e persistência. Pura ilusão ou, porventura, arrogância, porque o homem, na realidade, alimenta-se do simbólico e simbólico mergulha as suas raízes no insondável do mistério que se esconde em tudo aquilo que existe ou possa vir a existir.

**Atenas e Jerusalém no mundo de ontem**



Uma imagem com edifício, ar livre, céu, paisagem

Descrição gerada automaticamente

Quando evocamos Atenas e Jerusalém, é sobretudo um passado indelével que nos vem à mente, duas cidades ícone com duas visões do mundo, da vida, do pensamento e da religião que chegaram até nós, marcaram a cultura e as civilizações, permanecem no presente e se afundam no futuro. Essa realidade teve um impacto muito importante na configuração das formas de pensar, de sentir, de agir e de relacionar-se com algo ou alguém exterior de onde tudo depende ou procede de um Ser Infinito, Todo-Poderoso, Justo Misericordioso, Divino a que, em Jerusalém, se chamou Deus, God ou Ser e em Atenas, Água, Ar, Vento, Indeterminado (Apeiron), Espírito (Nous), Número, Medida, Ideia Suprema de Bem, 1º Motor, etc. Ou seja, desde sempre o ser humano questionou a realidade que o rodeia, a si próprio e a algo ou Alguém que está para além de tudo o que pode percecionar, representar e conceptualizar como existente ou possível, a que chamou água, vento, espírito (nous), número, ideia das ideias, ideia suprema de bem, primeiro motor, causa primeira, ser perfeito, Deus, Javé, etc.

Esta imagem de Atenas e de Jerusalém, qualquer que seja a leitura que cada um delas faça, julgo estar bem presente nas nossas mentes. Atenas remete-nos para tudo o que girou em torno da Acrópole, a capital de um pensamento livre e dialogante que punha em confronto diferentes conceções da vida, dos costumes, da filosofia, das letras e das artes. Parece que ainda hoje pelos sendeiros da colina e nos pátios que levavam à Ágora se ouvem as vozes dos sofistas que afoitamente se pronunciavam sobre todas as coisas e julgavam saber tudo de tudo, “tudólogos”; filósofos, como Sócrates, Tales de Mileto, Sólon, Parménides, Heraclito, Pitágoras, Platão, Aristóteles; poetas como Homero, Hesídio, Ésquilo. Jerusalém aponta-nos para uma outra realidade de natureza mais religiosa, revelada por um Alguém Exterior, Um Deus Único e Trino, o Deus de Abraão, de Isaac e Jacob que os profetas foram anunciando estar para vir e veio a revelar-se nos novos tempos em Jesus de Nazaré, o Salvador, Redentor e Rei de toda a criação que existe e possa vir a existir e que a velha, nova e eterna Jerusalém, de alguma forma, simbolizam.

Refletir sobre Atenas e Jerusalém convoca-nos sempre para um grande desafio que não pode ser reduzido a uma simples análise histórica, científica e filosófica da realidade. É muito mais do que isso, pois nos põe perante duas matrizes culturais que atravessaram o tempo e o espaço, continuam, de uma forma e de outra, no presente e se projetam no futuro da humanidade naquilo que a determina mais profunda e significativamente, o conhecimento, o sentimento e o reconhecimento, a fé, a adoração. O ser humano é, antes de mais, uma modalidade de ser que conhece, sente e reconhece, livre e responsavelmente, não apenas aquilo que é mais ou menos tangível, mas também o intangível, insondável e misterioso. É aqui que se encontra a raiz da sua capacidade de conhecer e pensar, de sentir e ser amado, de querer e de estar religado a algo ou alguém que constitui sua própria identidade. Um verdadeiro poder mágico que o habita e o torna mais humano, mas não mais do que isso, pois o limita na sua modalidade de ser e obriga a abrir-se ao divino a que está intimamente religado e faz dele um ser essencialmente religioso, crente. Julgo que o progresso científico e tecnológico não poderá nunca ultrapassar esta margem e esta abertura sob pena de perder o seu verdadeiro sentido e a sua relação com o divino que o constituem.

Há, pois, um certo poder mágico humano no passado de Atenas e Jerusalém que marca a história das civilizações e das culturas, o poder da razão e da fé, da crença. Este poder mágico de conhecer, aprender e se questionar tem duas faces uma mais racional e outra mais cordial, mais religiosa, crente. São estes os dois pilares ou dimensões que constituem o mais elemental do ser humano, espírito e matéria, corpo e alma, o corpo que o liga à matéria, à terra e a alma que o liga ao espírito, ao intangível, ao inextenso, ao infinito, ao eterno, ao céu, ao divino. Em Atenas, o homem é concebido com uma ligação mais forte à terra. Os próprios heróis e deuses da sua mitologia que adora são, de algum modo, terrestes, criados pela razão, ideias da razão, mitos transmitidos pela tradição oral e escrita de geração em geração. Fazem parte do maravilhoso de uma representação lógica e pertencem a um determinado sistema racional. Em Jerusalém, a ligação dirige-se a um ser exterior ao sistema e pressupõe uma crença, uma fé em alguém superior ao próprio homem e às forças da natureza. É a crença, a fé num Ser Divino, Todo-Poderoso, fora do espaço e do tempo, Exterior, Eterno e Infinito.

Esta dicotomia simbolizada por Atenas e Jerusalém embora aceite com incidências e intensidades distintas está longe de estar resolvida e configura, ainda que com matizes bem característicos, nas cidades e sociedades dos nossos dias, as dinâmicas científicas e culturais das sociedades futuras. O “penso, logo existo” cartesiano elevado a um nível mais alto com a “razão pura” kantiana e o idealismo hegeliano dão-nos uma das expressões mais avançadas da razão grega que em Atenas se desenvolveu e consolidou. Mas, por outro lado, a possibilidade de um “existir sem pensar”, sem discutir, como um entregar-se simples e confiadamente nos braços da crença e da fé, mostra-nos o rosto da Velha Jerusalém dos patriarcas e dos profetas a caminha da Nova e Eterna Jerusalém do Novo Testamento e, designadamente, do livro do Apocalipse. Reconhecemos que em outras latitudes e muitos outros povos expressaram e professaram crenças e cultos distintos, mas todos eles entroncam numa raiz profunda e misteriosa que os religa a uma certa divindade ou poder superior em que acreditam. É esta religação que se crê estar na base de todas as religiões e nos permite concluir que o ser humano é essencialmente religioso por mais que o queiram negar ou desconhecer os ateísmos, os agnosticismos, os niilismos, etc.

Mas será possível que o ser humano possa “existir sem pensar”, sem querer conhecer e dominar a realidade na direção do imensamente grande, do imensamente pequeno e do imensamente consciente com a sua razão, a sua ciência e a sua tecnologia? Todas as nossas sociedades estão formatadas por certas formas de pensamento mais racionalizadas, idealistas ou pragmatizadas, concretas, existenciais, afetivas, cordiais. Nota-se, no entanto, no meio da pressa desmesurada e de uma certa superatividade, que desequilibra as sociedades dos nossos dias, uma grande vontade de parar, de deixar de pensar e de agir. Será apenas a procura da inação para esquecer ou encontrar mais serenidade e calma na vida do dia a dia demasiado acelerada e supérflua que assegure a felicidade por que, no fundo, todos os humanos aspiram? Ou simplesmente a rejeição de um modo de vida que faz cada vez menos sentido e precisa de voltar a valores mais sólidos e humanos que abram janelas de esperança para o futuro? Como sempre, talvez, a resposta deva ficar a meio caminho do oito ou oitenta. Mas nem por isso essa questão deverá deixar de ser colocada.

Lembro-me que quando ainda era muito jovem e entrei em contacto com os filósofos da Grécia Antiga e de Atenas, em especial, lugar onde a Filosofia assumia grande destaque como conjunto de todos os saberes sobre a natureza, a vida, a sociedade, acultura não apenas quanto ao seu como e os seus quês, mas sobretudo quanto aos seus porquês e para quês, senti um grande prazer de poder conhecer gente tão ilustre no domínio do pensamento. Era com um grande entusiamo e admiração que então me animava pelo nível de conhecimento, pensamento e reflexão que os pensadores, os poetas, os historiadores e os “cientistas”, à época, manifestavam nas suas conversas e nos seus escritos em que Platão e Aristóteles, Homero, Hesíodo, Sócrates, Tales de Mileto, Pitágoras, Parménides, Heraclito, se me é permitido evocar apenas alguns, emergiam como os seus maiores vultos, que parti para essa aventura que a Filosofia como amizade pela sabedoria nos instiga e questiona. Ainda hoje, muitas das ideias que me vêm à mente e alimentam o meu pensamento, reflexão e me continuam a questionar encontram eco nesse tempo. Sei que, os nossos pontos de vista e a nossa visão do mundo e da vida são certamente diferentes, mas no essencial continuamos a debater as mesmas questões que ainda não encontraram as respostas que o homem de todos os tempos procura desde que começou a interrogar o mundo, a vida e tudo aquilo que entra no campo da sua perceção, imaginação e entendimento.

Neste tempo, em que o dia já vai alto e mesmo a declinar para o ocaso, acho que estou a voltar ao filosofar que durante largos anos deu o lugar principal a outras preocupações mais profissionais e concretas, mas sem nunca deixar apagar esta chama que a referência a Atenas e Jerusalém em mim acendeu nesse meu passado e que, de algum modo, persiste hoje, e que continuo a descobrir em muitos outros contextos e latitudes da cultura e da civilização. Julgo que o passado destas duas visões do mundo e da vida continuam bem vivas nos povos dos cinco continentes: uma visão mais racional e outra mais cordial, mais crente embora com intensidades e incidências distintas, sobretudo, a ocidente e a oriente.

Há um homem oriental e outro ocidental que, na realidade, convergem e que a globalização veio fazer emergir nos diferentes quadrantes geográficos, mas que são distintos ainda que complementares e ambos estão sempre presentes nos mais diversos caminhos do ser humano.

Uma imagem com ar livre, fotografia aérea, Vista aérea, edifício

Descrição gerada automaticamente

Uma imagem com ar livre, edifício, céu, panorama

Descrição gerada automaticamente

**Atenas e Jerusalém no mundo de hoje**

É fácil encontrar, no mundo de hoje, marcas da influência destas cidades nos modos de pensar e agir dos povos e culturas das diferentes regiões e continentes. Mas esses modos de pensar, agir e estar apresentam incidências e intensidades diferentes, a ocidente e a oriente. Sabemos, no entanto, que esses marcadores de incidência e intensidade distintos e complementares, embora possam dar uma visão mais geral do que acontece ao nível global, não se ajustam bem à realidade existente ao nível nacional e internacional. Tudo é bastante mais complexo e diverso. Na sociedade globalizada dos nossos dias, tanto a oriente como a ocidente há ideias que configuram mais a mundividência de Atenas, outras a de Jerusalém e vice-versa. De qualquer modo, a presença de uma certa maneira de estar, de ser, de conhecer e agir de Atenas e Jerusalém está sempre presente. Uma mais cerebral, racional e idealista, abstrata e outra mais cordial, emocional, religiosa e concreta.

Lembremos, a este propósito, o caso da China e da Índia, os dois países mais populosos do planeta, e até da Indonésia e da Turquia não apenas à luz da sua filosofia, cultura e religião do passado e do presente, mas também dos seus costumes, comportamentos e atitudes. Facilmente podemos verificar que as suas formas de estar, de ser, de pensar e de sentir são muito distintos do que se passa numa Alemanha, França, Itália, Espanha e mesmo no Reino Unidos, nos Estados Unidos, Canadá e Brasil apesar da diversidade de religiões, de raças e culturas que os seus povos professam e integram. Sabemos ainda que nesses países, a ocidente e oriente, se sente e pensa de maneiras muito semelhantes. E encontramos sempre o rosto de Atenas e de Jerusalém em todos esses lugares e ao longo dos tempos, embora com níveis de incidência e intensidade diferentes. Atenas determinando mais a filosofia e a cultura ocidentais e Jerusalém as filosofias e culturas orientais. Ambas, porém, coexistem ou poderão coexistir e exprimir-se nos modos de pensar e de sentir das pessoas que aí vivem.

Atenas e Jerusalém são como que dois grandes rios do pensamento e da ação que atravessam todos os tempos e lugares e convergem na natureza do próprio ser humano, na sua modalidade de ser inteligente e livre, proveniente do Ser e na sua volta ao Ser a quem está essencialmente religado, o que faz dele um ser religioso. A religião não é apenas uma crença ou algo descartável. Ela faz parte da sua própria essência como modo de ser que provém do Ser e não pode existir sem procurar o Ser e voltar ao Ser a que as religiões e os crentes chamam Deus.

A Atenas e a Jerusalém de hoje, julgo, não têm a mesma força de referência que tiveram no passado, embora Atenas tenda a privilegiar o *lógos* e Jerusalém a *religião* como expressão maior do pensamento e da ação. Outras muitas cidades emergiram com grande proeminência nos domínios da filosofia, da ciência, da arte, técnica e progresso sociocultural pelos 5 continentes. Em todas, porém, emerge sempre uma Atenas e uma Jerusalém que em função da força e do sentido da sua presença determinam os seus modos de pensar, de sentir e de agir. São duas dimensões do pensamento e da ação que estão sempre presentes.

Se nos detivermos, por exemplo, em Paris, a bem conhecida cidade da luz, verificamos que não é difícil descobrir nos seus modos de pensar, de sentir, de estar e de agir que Atenas, de certa forma, configura mais claramente a sua filosofia, a sua literatura, sua ciência, a sua arte e a sua cultura. Mas também não podemos esquecer que há um Descartes e um Pascal entre os seus pensadores mais distintos. Descartes mais na linha de Atenas e Pascal na de Jerusalém, embora Atenas e Jerusalém estejam presentes em ambos. Descartes não é apenas um dos pais do racionalismo, mas também de um querer emocional, o voluntarismo que lhe está subjacente em que a vontade de ser livre assume uma importância primacial. Em Pascal, há razões que a razão desconhece, mas reconhece e configuram o projeto humano. Esta dupla presença é ainda mais clara na literatura se bem que aí, em muitos literatos, escritores e poetas, talvez, Jerusalém seja mais intensa ou significativa porque os literatos e, sobretudo, os poetas têm uma outra maneira de olhar para as coisas, para a vida, menos cerebral e mais cordial em que a emoção, o sentimento e a paixão assumem uma expressão e um significado especiais. Talvez, pudéssemos, por isso, concluir algo semelhante em relação outras muitas cidades a ocidente como Londres, Berlim, Roma, São Petersburgo, Madrid, Lisboa, Nova Iorque, Monte Real, São Paulo, Buenos Aires, etc., mas não é esse o nosso objetivo.

Se viajarmos mais para oriente, para Nova Deli, por exemplo, apesar da colonização inglesa, a realidade julgo apresentar-se de um modo bastante diferente. Atenas não deixa de estar presente, mas nas suas vivências, nos seus modos de agir e de pensar destaca-se, sem dúvida, mais o rosto de Jerusalém. O mesmo acontece, penso, em outras muitas cidades do oriente mais próximo ou distante que não irei mencionar. Por outro lado, se viajarmos de norte para sul e vice-versa, julgo que estas marcas são menos nítidas ainda que, de um modo e de outro, estes dois grandes eixos do pensamento, do sentimento, da ação, da vida dos respetivos povos, nem por isso deixam de emergir embora com modalidades distintas nas diferentes latitudes e culturas.

Quando vejo filmes de países orientais como China, Japão, Coreia do Sul dou comigo a pensar como são diferentes os contextos que nos mostram, as suas filosofias de vida, os modos de avaliar as situações, de sentir e de reagir em relação aos mais diversos temas, acontecimentos e problemas. Os seus os tempos, os seus cenários são mais lentos e vivenciados mesmo em espaços semelhantes onde tudo à volta evolui de forma vertiginosa e mostra um desenvolvimento científico e tecnológico muito avançado. A ocidente, na Europa, nos Estados Unidos, no Canadá e noutros muitos países, regiões e continentes, tudo se passa de um modo bastante diferente mesmo que os problemas que são apresentados sejam do mesmo tipo. Embora esteja a pensar concretamente em algumas séries e filmes que correm na cinemateca internacional, não irei aqui mencionar títulos e realizadores porque isso nos dispersaria e afastava do nosso propósito nesta reflexão. Uma coisa é certa, por aí passam sempre Atenas e Jerusalém com as suas especificidades e características bem marcadas ainda que complementares.

Descobrir em cada uma destas situações até onde vai a intensidade de cada uma dessas cidades ícones da Humanidade constitui a chave daquilo que procuramos pôr em evidência e descrever através dos marcadores que, aos nossos olhos, são mais significativos. E quais são esses marcadores? É a resposta a esta pergunta que, através desses marcadores, tentaremos descobrir o rosto de Atenas e de Jerusalém em cada uma dessas culturas, cidades, regiões e continentes. Não é uma tarefa fácil nem simples, mas é um grande desafio.

Um desses marcadores, aos nossos olhos, tem a ver com as modalidades de compreensão, de agir e de estar em relação às coisas, às pessoas e às diferentes relações e interações que se estabelecem. Estas modalidades de compreensão, de agir e de estar provocaram consciencializações e vivências distintas que conformaram os seus comportamentos e atitudes em relação ao passado, ao presente e, julgo também ao futuro, bem como a sua ligação a um Ser Superior a que se sentem intimamente religados e designam, em geral, por Deus e se encontra na raiz das diferentes religiões do passado, do presente e, com certeza, do futuro. O ser humano é essencialmente religioso, ou seja, está ontologicamente ligado a um Ser Superior, Deus e Senhor de tudo o que existe e possa vir a existir neste universo e, eventualmente, noutros universos de realidade existente ou possível. Porque todas modalidades de ser existentes e possíveis provêm, procedem do Ser, existem ou podem vir a existir no Ser e ao Ser terão de voltar, pois não há mais ser para além do SER. E nenhuma modalidade de ser pode deixar de ser, cair no nada porque o nada simplesmente não existe nem pode vir a existir. Toda a modalidade de ser é uma dádiva do Ser que nenhuma liberdade individual ou coletiva poderá destruir nem aniquilar. Aqui que se encontra a verdadeira raiz da liberdade do ser humano que, ao mesmo tempo, o constitui como ser inteligente, consciente, responsável, autónomo e capaz de reconhecer e aceitar o seu próprio destino: voltar ao SER sem perder a sua identidade de pura dádiva que não poderá voltar nunca mais ao não ser, ao nada, ser aniquilado.

Esta ligação a um Ser Superior, acaba por ser um outro marcador essencial. Por isso a religiosidade faz parte do que há de mais fundo e sagrado no ser humano. Quando observo a leviandade com que em muitas sociedades se olha para a dimensão religiosa do ser humano como algo descartável fico preocupado com o seu futuro. Sem esta ligação a um Ser Superior nenhum ser inteligente e livre pode existir nem vir a existir. Por isso, uma sociedade sem Deus não tem futuro. Julgo também que, no passado, não se conhece nenhum tipo de sociedade que se tenha constituído sem uma crença, ou uma fé em Algo ou Alguém Superior a quem era necessária temer ou adorar para poder subsistir. Por isso, se divinizaram as forças da natureza e os próprios chefes como Senhores, Reis, Imperadores.

Nas sociedades mais modernas e contemporâneas começaram a emergir outras marcas que tendem a ser divinizadas pelo homem: as liberdades, o poder, o prazer, o dinheiro, a fama, etc. Estas marcas mostram o rosto dos diferentes modelos societários e políticos a ocidente e a oriente, a norte e a sul do planeta. É fácil descobrir que em cada um dos regimes políticos existentes que estas marcas continuam a ser moldadas pelas matrizes de Atenas e Jerusalém pois todos eles continuam a ser atravessados por essas duas grandes correntes do pensamento e da ação, o logos da razão que representa, concebe e cobre, oculta e a alêtheia do coração que acolhe, reconhece, desoculta, venera, adora. O equilíbrio entre estas duas dimensões do pensamento e da ação torna as sociedades mais humanas.

Julgo que uma das grandes tarefas das sociedades dos nossos dias é equilibrar estas duas dimensões porque os desequilíbrios são cada vez mais visíveis e profundos não só na debastada Europa por uma guerra sem sentido que destrói a Ucrânia e, de certa forma, Gaza, provocando as maiores atrocidades a pessoas inocentes e, sobretudo, velhos, doentes e crianças. As narrativas da guerra que nos chegam através da comunicação social, sobretudo, do lado do país agressor ou invasor, neste caso, a Rússia ou Israel, mostram que nem a razão, nem o coração, nem a crença funcionam. A paz apenas é possível se o equilíbrio da razão e do coração voltar a reger a ordem mundial salvaguardando o direito das pessoas e das sociedades ao nível nacional, regional e internacional. Se a atual ordem mundial já não for suficiente, então, é preciso quanto antes alterá-la ou refazê-la, mas sem, entretanto, pôr em causa os direitos e os deveres das pessoas e das nações legítima e juridicamente constituídas e reconhecidas. A lei da selva não pode ser tolerada no século XXI tendo em conta os níveis de cultura e civilização que a Humanidade alcançou.

É triste e quase inacreditável o que continua a acontecer em tantos lugares do planeta terra. Precisamos, por isso, que as mundividências de Atenas e de Jerusalém continuem a prevalecer e o equilíbrio entre essas duas vertentes do pensamento e da ação encontrem um verdadeiro equilíbrio nas sociedades do nosso tempo. Só assim o futuro do mundo continuará a ser possível apesar das agressões e das ameaças que estão a ser cometidas pelo progresso científico e tecnológico à margem de balizas verdadeiramente humanas que põe em perigo a própria natureza que lhe serve de suporte.

Fala-se muito das “pegadas carbónicas” e das agressões ao meio ambiente, mas não se vai ao fundo das questões para tentar encontrar respostas mais substantivas. Aos meus olhos tudo tem a ver com uma questão de valores que ou não são respeitados ou foram invertidos ou mesmo negados em relação à natureza, à vida e aos comportamentos das pessoas e das sociedades mais ou menos evoluídas e organizadas. Para defender o planeta terra é preciso defender e aceitar uma determinada hierarquia de valores de um modo efetivo e, de certa forma, militante, como a liberdade, a responsabilidade e a autonomia, que possibilitem ao ser humano assumir-se como tal e não como “cataventos” que mudam de acordo com as circunstâncias, as políticas e os interesses. Mas para isso é preciso ter razões bem fundamentadas ter coração, querer e confiança, “fé” de que é possível construir um mundo melhor, mais equilibrado, mais inteligente, responsável e livre a todos os níveis da pirâmide social, económica e política.

Para isso, terá de ser reavivado o espírito e a força cultural de Atenas e de Jerusalém no seu sentido mais genuíno e autêntico no coração das sociedades dos nossos dias.

**Atenas e Jerusalém no mundo de amanhã**

Uma imagem com água, noite, luz, reflexo

Descrição gerada automaticamente

O futuro de Atenas e de Jerusalém será bastante diferente em termos de influência global. As grandes referências mais do que nunca se deslocaram para outros lugares como Pequim, Nova Delhi, Bruxelas, Whashington, Moscovo, Berlim, Paris, Londres, etc., onde se situa o poder político, socioeconómico e financeiro. A cultura, o progresso científico e tecnológico irá estar mais ligado a esses centros do poder. Esta dependência no passado e no presente não era tão determinante. Neste sentido, essas duas cidades ícones da cultura da humanidade poderão perder influência, mas continuarão a brilhar como dois grandes luzeiros a apontar os caminhos do futuro. E é a partir do futuro que deverá continuar a ser pensado e vivido o presente. O passado embora já tenha decorrido também não poderá ser descartado na construção do presente a partir do futuro. Será este o grande afazer de amanhã a que ninguém pode renunciar como parte desta Humanidade que nos habita e nos impele.

Hoje o planeta parece estar numa grande encruzilhada. É urgente tomar grandes decisões para prosseguir. No entanto, os grandes encontros científicos, políticos e culturais com os mais altos representantes dos povos das diferentes regiões do mundo não têm chegado a grandes conclusões nem têm sido assumidas verdadeiramente convicções sérias e de uma maneira realística e concreta. Tudo vai ficando em conversas quase vazias de conteúdo e de concretização efetiva. O último GOP27, novembro de 2022, parece ter redundado num enorme fracasso apesar de, já para além do tempo estabelecido, ainda se ter querido salvar a face com a atribuição de um subsídio aos países menos desenvolvidos.

O planeta terra parece estar, de facto, em grande stresse. Mas tenho o sentimento de que irá conseguir dar a volta embora vá sofrer, nos próximos milhões de anos, enormes transformações como aconteceu e acontece permanentemente com muitos outros planetas, estrelas, galáxias e outros espaços siderais neste imenso universo. Cuidado e preocupação com o planeta terra, sim, mas não histerismo coletivo como, em muitos casos, parece estar a acontecer. A Atenas e a Jerusalém do passado podem ajudar a ter uma atitude diferente no presente e abrir janelas de esperança para o futuro. Sabemos que o presente não tem sentido desligado do passado e terá de ser construído a partir do futuro. Como? Se o futuro ainda não existe e o presente do momento já caiu no passado? É a questão que a Filosofia mantém sempre aberta. Como encontrar resposta para ela? Voltar a Atenas e a Jerusalém?

Acho que para responder as estas questões, o homem do futuro terá sempre de voltar a Atenas e Jerusalém. Mas irá fazê-lo como aconteceu no passado e acontece no presente com roupagens linguísticas, matemáticas, psicológicas, tecnológicas e sociológicas, filosóficas e teológicas distintas. Será possível antever, de alguma forma, essas roupagens? Em certo sentido sim, porque elas já estão indiciadas no passado mais recente e no presente. Onde e como? Para responder a uma pergunta deste tipo, julgo que teremos de descer a um nível mais nanocientífico e nanotecnológico, o lugar onde, já hoje, as ciências físicas e biológicas se aproximam mais das ciências psicossociais, filosóficas, axiológicas.

Apesar de toda a modernidade e contemporaneidade que Atenas hoje é, como capital da Grécia, a sua grande referência continua a ser a Acrópole, o seu parténon, o seu teatro, a sua ágora e outros sítios que são, hoje como foram no passado e continuarão a ser no futuro, aqueles que atraem mais turistas, cientistas, historiadores, artistas, poetas e filósofos dos cinco continentes. É difícil passar por Atenas sem parar algum tempo nesses lugares em que a filosofia como a verdadeira amizade por todos os saberes atingiu tão elevado nível não apenas em relação á época, mas também em relação aos tempos que vivemos e que, com certeza, irá continuar no futuro.

Também em Jerusalém, o templo, o muro das lamentações e o Santo Sepulcro continuam a ser os lugares sagrados maiores para onde convergem não só as 3 grandes religiões monoteístas, mas também toda uma multidão de peregrinos, turistas e curiosos de todas as raças e credos dos 4 cantos do mundo. Apesar das guerras e dos problemas que aí se travaram, se travam e continuarão a travar, a cidade santa, por excelência, continuará a ser um grande íman de todos os povos crentes e não crentes que procuram alguém para além da razão, o Deus de Abrão, de Isaac e de Jacob que apenas a fé, a crença poderá tentar atingir. Trata-se aceitar a existência de Alguém que a razão não compreende, mas em que o ser humano acredita, venera, louva e adora.

Tenho o sentimento de que o homem do futuro, provavelmente mais inteligente, cordial e evoluído à luz do progresso científico e tecnológico, na linha de pensamento de Atenas e da cordialidade, religiosidade de Jerusalém, assumirá mais a atitude de um adorador, de um crente do que de um cientista ou um filósofo. O fundo do ser humano é, porventura, mais Jerusalém do que Atenas. Já ontem e também hoje, apesar de ateísmos e agnosticismos confessos fomos constatando que cientistas, filósofos e poetas, literatos e outros amigos do saber e da arte, à medida que foram chegando mais fundo no seu olhar sobre o mistério das coisas, das pessoas, da vida e das religiões, das crenças acabaram por reconhecer que a atitude mais sábia seria adorar Alguém que se encontra para além da razão e continua a revelar-se como mistério insondável que nos escapa em tudo aquilo que entra, de algum modo, no nosso campo de perceção, explicação e compreensão.

Com recortes distintos esta atitude, julgo, encontrar-se também, de certa forma, nos sábios e filósofos gregos e, designadamente, em Atenas, mas é sobretudo nos patriarcas, nos profetas, nos escritores sagrados e nos poetas de Jerusalém que a vamos poder experienciar. A razão de Atenas e o coração, a fé, a crença de Jerusalém, irão continuar a marcar as culturas e as civilizações do ser humano no futuro como o marcaram no passado. Mas, muito provavelmente, com uma intensidade e um entendimento diferentes por que os homens estão a tornar-se mais inteligentes no evoluir da realidade existente e possível. Por isso, são mais humildes e reconhecidos porque olham para a realidade com outros olhos e vão descobrindo que o coração tem razões que a razão desconhece, mas reconhece e possibilitam uma nova atitude mais atenta e aberta a Alguém, Exterior, Infinito e Eterno de onde tudo procede como dádiva de ser, de amor, e que, nessa mesma medida, tudo fundamenta e sustem.

É esta maravilha da cultura e da civilização que o ser humano foi construindo ao longo do tempo que nos mostra o sentido destas duas dimensões do ser humano que Atenas e Jerusalém encarnam e se repercutiram e repercutem nas cidades dos diferentes povos a ocidente e a oriente, a norte e a sul. Será que esta visão é aceitável nos dias de hoje? Ou tudo isto já está de tal maneira diluído que as pessoas nem se apercebem desta realidade? Ou, então, o que seria pior, talvez, não o possam negar, mas as razões de que dispõem e lhe servem de fundamento não são percetíveis nem apelativas para os convencer.

Aos meus olhos, porém, esta realidade continua presente e sê-lo-á ainda mais no futuro. Porque, por mais que a evolução aconteça e as transformações se façam, o homem não poderá existir no tempo sem estas duas dimensões que o ligam, distinguem e sustêm neste universo e no seu exterior embora não saibamos como tudo isto se relaciona e entende. O homem do futuro será mais inteligente e essa maior capacidade de consciência e compreensão irá permitir-lhe ver e abrir-se a novos horizontes da realidade e reconhecer que a sua atitude mais verdadeira e autêntica será a acreditar em Alguém que não pode abarcar nem compreender dada a sua infinitude e mistério, mas simplesmente adorar e louvar, a que chamamos Deus, mesmo aqueles que o negam ou dizem não o poder conhecer e aceitar. Mas este homem do futuro, não sei se já terá existido no passado e no presente em Atenas e Jerusalém. Jesus de Nazaré, o Cristo, o Senhor, que é também Deus, de certa forma, veio complicar ainda mais este mistério para os crentes e os não crentes. No fim de contas, porém, quando procuramos ir ao fundo da realidade, o que encontramos é o mistério quer sejamos conduzidos pela razão, em Atenas, quer nos deixemos iluminar pela fé, em Jerusalém. Não se se pode ir muito mais além do que isto, acho. Pelo que, para já, me fico por aqui.

**Conclusão**

As páginas que aqui deixo à disposição do leitor são apenas o começo de uma reflexão que terá de ser continuada, acrescentada e enriquecida para poder ganhar um corpo mais significativo. Para já pretende ser apenas um arremedo de uma intenção, de um desafio adiado que gostaria ainda de enfrentar sem qualquer vã pretensão, mas de um modo genuíno e ousado como procuro fazer em todas as aventuras de reflexão e de escrita em que me envolvo. É assim que procuro colocar-me em todas as minhas aventuras de reflexão e de escrita.

Por isso, também neste novo projeto ou esboço de livro evitarei a “a imposição cientificamente correta ” das citações e anotações de pé de página porque o que aqui é proposto e dito, de certa forma, pertence a um património cultural de que faço parte e apenas procurei exprimir a minha maneira de ver sobre o que fui pensando e sentindo sobre os saberes, o conhecimento, a vida e a ação do ser humano que nos trouxe até ao presente e nos projetará no futuro, sem qualquer tipo compromisso, mas de uma forma consciente, livre e responsável. Disponibilizo, no entanto, a baixo alguns *linkes* que fui visitando e revisitando no decurso da minha reflexão. Sugiro ainda, a quem desejar possíveis referências mais aproximadas das ideias e convicções que aqui deixo à consideração e à crítica de quem, de uma forma ou de outra, se vier a confrontar com este projeto de livro, que copie cada um dos seus parágrafos os verta para inglês, por exemplo, ou para a sua própria língua, os introduza num motor de pesquisa e encontrará muitas outras referências de um património comum do pensamento que é também meu como integrante de uma mesma Humanidade.

Às vezes, fico impressionado por verificar que muito daquilo que pensamos, dizemos ou escrevemos não tem nada de original, pois, já foi estudado, refletido, dito e escrito por muitos outros. As citações deste ou daquele que, com frequência, fazemos para dar um certo alarde de rigor científico e objetividade, afinal, podem ser muito desajustadas e até injustas por atribuirmos autoria a quem em rigor não é o verdadeiro autor ou não tem a importância que lhe queremos dar. Por isso, neste texto, sugiro apenas sugestões de leitura que poderão lançar mais luz e ajudar à compreensão das posições apresentadas.

**Linkes que poderão ter algum interesse para o leitor sobre as temáticas anteriormente refletidas que tive a oportunidade de visitar e revisitar.**

[**https://pt.wikipedia.org/wiki/Atenas**](https://pt.wikipedia.org/wiki/Atenas)

**(15 de fevereiro, 2022)**

[**https://pt.wikipedia.org/wiki/Jerusalém**](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jerusalém)

**(5 de maio, 2022)**

[**https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/bitstream/handle/1866/16520/Valicourt\_Ian\_de\_2005\_memoire.pdf?sequence=1**](https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/bitstream/handle/1866/16520/Valicourt_Ian_de_2005_memoire.pdf?sequence=1)

**(22 de setembro, 2022)**

[**https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/historia-de-israel**](https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/historia-de-israel)

**(20 de outubro, 2022)**

[**https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/6837/1/A%20SABEDORIA%20ORIENTAL.4.pdf**](https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/6837/1/A%20SABEDORIA%20ORIENTAL.4.pdf)

**(14 de novembro, 2022)**

[**https://worldview.stratfor.com/article/athens-and-jerusalem-city-reason-city-faith**](https://worldview.stratfor.com/article/athens-and-jerusalem-city-reason-city-faith)

**(15 de novembro, 2022)**

[**https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/9762/5342**](https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/9762/5342)

**20 de novembro, 2022)**

[**https://www.persee.fr/doc/phlou\_0035-3841\_1971\_num\_69\_4\_5639\_t1\_0594\_0000\_2**](https://www.persee.fr/doc/phlou_0035-3841_1971_num_69_4_5639_t1_0594_0000_2)

**(15 de novembro, 2022)**

[**https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2081&context=edissertations**](https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2081&context=edissertations)

**(19 de novembro, 2022)**

[**https://www.mdpi.com/books/pdfdownload/book/337**](https://www.mdpi.com/books/pdfdownload/book/337)

**(23 de novembro, 2022)**

[**https://www.firstthings.com/article/2012/02/between-athens-and-jerusalem**](https://www.firstthings.com/article/2012/02/between-athens-and-jerusalem)

**(30 de novembro, 2022)**

[**https://www.amazon.com/Civitas-solis-Latin-Thomas-Campanella/dp/1497581850**](https://www.amazon.com/Civitas-solis-Latin-Thomas-Campanella/dp/1497581850)

**(1 de dezembro, 2022)**

[**https://issuu.com/sistemasolar/docs/de\_civitate\_dei\_de\_santo\_agostinho\_excerto**](https://issuu.com/sistemasolar/docs/de_civitate_dei_de_santo_agostinho_excerto)

**(1 de dezembro, 2022)**

[**https://www.commentary.org/articles/leo-strauss/jerusalem-and-athens-some-introductory-reflections/**](https://www.commentary.org/articles/leo-strauss/jerusalem-and-athens-some-introductory-reflections/)

**(3 de dezembro, 2022)**

[**https://churchlifejournal.nd.edu/articles/fides-et-ratio-after-athens-and-jerusalem/**](https://churchlifejournal.nd.edu/articles/fides-et-ratio-after-athens-and-jerusalem/)

**(3 de dezembro, 2022)**

<https://www.publituris.pt/2022/10/07/tempo-de-espera-no-aeroporto-de-lisboa-baixou-uma-hora-entre-maio-e-setembro>

(7 de dezembro, 2022)

<https://era.ed.ac.uk/bitstream/handle/1842/39159/SmithN_2022.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

(12 de dezembro, 2022)

<https://www.researchgate.net/publication/238444154_Athens_and_Jerusalem_in_the_Third_Millennium_Culture_Comparison_and_the_Evolution_of_Social_Complexity>

(19 de dezembro, 2022)

<https://bibliotecabiblica.blogspot.com/2017/11/coracao-significado-em-grego-e-hebraico.html>

(21 de dezembro, 2022)

<https://academic.oup.com/yale-scholarship-online/book/24246/chapter-abstract/185880789?redirectedFrom=fulltext>

(23 de dezembro, 2022)

<https://www.commentary.org/articles/leo-strauss/jerusalem-and-athens-some-introductory-reflections/>

(28 de dezembro, 2022)

<https://www.memoriapress.com/articles/athens-jerusalem/>

(28 de dezembro, 2022)

1. A virtude é o único bem e caminho para a felicidade

   A pessoa deve sempre priorizar o conhecimento e o agir com a razão;

   prazer é um inimigo do sábio;

   universo é governado por uma razão universal natural e divina;

   As atitudes têm mais valor que as palavras, ou seja, o que é feito tem mais importância do que é dito;

   Os sentimentos externos tornam o ser humano um ser irracional e não imparcial;

   Não se deve perguntar porque algo aconteceu na sua vida e sim, aceitar sem reclamar, focando apenas no que pode ser modificado e controlado naquela situação;

   Agir de forma prudente e assumir a responsabilidade sobre os seus atos;

   Tudo ao nosso redor acontece de acordo com uma lei de causa e efeito;

   A vida e as circunstâncias não são idealizadas. O indivíduo precisa conviver e aceitar a sua vida da forma que ela é. [↑](#footnote-ref-1)